

As vozes que constroem o Brasil Moreno

Regina Celia Vago

Instituto Federal do Espírito Santo e doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar uma análise, a partir de um editorial, do papel que as vozes de autoridades (ou da Ciência) exercem na interação entre o autor de um editorial e seus possíveis leitores. No editorial, publicado na Folha UOL, em 29 de julho de 2011, sob o título de “Brasil Moreno”, o enunciador propõe que se inclua uma nova categoria nas pesquisas realizadas pelo IBGE sobre a questão da raça no Brasil. Ele parte do princípio de que as recentes pesquisas do IBGE dão mostra de que o termo “pardo” está em desuso, devido à preferência dos brasileiros pelo termo “moreno”. Em consequência disso, o editorialista sugere a inclusão dessa categoria nas próximas pesquisas, ao lado do termo “pardo”. Para convencer o leitor (enunciatário) a respeito dessa necessidade, o enunciador usa uma série de estratégias discursivas; dentre elas, as mais ousadas estratégias enunciativas polifônicas. Para proceder a essa investigação, tomamos por base a perspectiva enunciativa e polifônica do Modelo de Análise Modular do Discurso (MAM), por nos possibilitar um percurso teórico que dá conta da complexidade discursiva do texto “Brasil Moreno” com suas várias vozes distribuídas em seus complexos níveis de interação.

Palavras-chave: estratégias discursivas; polifonia; Modelo de Análise Modular, editorial.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma análise, a partir de um editorial, do papel que as vozes de autoridades (ou da Ciência) exercem em uma interação realizada entre o autor do editorial (o editorialista) e seus possíveis leitores. Nesse editorial, publicado na Folha UOL, em 29 de julho de 2011, sob o título “Brasil Moreno”, o enunciador propõe que se inclua uma nova categoria nas pesquisas realizadas pelo IBGE sobre a questão da raça no Brasil. Sabe-se que no Brasil, a questão da miscigenação é muito forte. Ela é responsável pela diversidade cultural e, conseqüentemente, pela construção da identidade. É nesse contexto que o editorialista encontra precedente para apresentar um editorial que defende a tese de que “além de ‘pretos’ e ‘pardos’, categoria mais popular entre os brasileiros não brancos deveria encontrar abrigo na classificação oficial do IBGE”.

QUADRO 1 – Texto “Brasil Moreno”

Brasil moreno

Além de “pretos” e “pardos”, categoria mais popular entre os brasileiros não brancos deveria encontrar abrigo na classificação oficial do IBGE

(01) Não é a pior notícia do mundo o fato de que o próprio IBGE enfrenta dificuldades (02) quando a questão é a raça de seus entrevistados.

(03) Branco, preto ou pardo? (04) A classificação tradicional da mais importante instituição demográfica do país está em vigor desde 1872. (05) De lá para cá, (06) alguma coisa mudou, (07) mas as categorias de então (08) ainda dão forma às séries históricas de dados (09) sobre como os brasileiros definem a cor de sua pele.

(10) Com efeito, em recente pesquisa do IBGE em seis unidades da Federação (AM, PB, SP, RS, MT e DF), (11) o termo “pardo” deu mostras de cair em desuso na preferência espontânea, (12) sendo substituído pelo mais simpático “moreno”.

(13) Verificou-se que 21,7% dos entrevistados no estudo se disseram “morenos” ou “morenos-claros”. (14) Só 14%, em contraste, definiram-se como “pardos”.

(15) A proporção dos que se consideram “pretos” é ainda menor. (16) Já “negros” se dizem 8% dos entrevistados, (17) quando se oferece tal opção, (18) ao passo que se reconhecem “pretos” (19) – por séculos um sinônimo de “escravo” – (20) só 1,4% dos consultados no estudo.

(21) Nos recenseamentos oficiais, (22) os entrevistadores do IBGE oferecem apenas cinco opções: branco, preto, pardo, amarelo e indígena. [...]

(23) É bem-vinda, enfim, a notícia de que tantos brasileiros se considerem “morenos”. (24) O vocábulo, de fato, carrega-se de uma neutralidade afirmativa. (25) Não desperta uma identificação belicosa (26) e, ao mesmo tempo, afirma uma identidade mista, misturada, brasileira.

(27) Somos todos morenos. (28) A categoria, assim como “negros”, deveria entrar para a classificação oficial do IBGE, (29) ao lado de “pretos” e “pardos”. (30) Isso permitiria captar o deslocamento benfazejo da autoimagem dos brasileiros no sentido de uma realidade em que a cor da pele não importe a ninguém.

Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO, 2011.

Segundo o editorial, as categorias atuais, “branco, preto ou pardo”, usadas pelo IBGE, ainda “dão forma às séries históricas de dados sobre como os brasileiros definem a cor de sua pele”.

Dessa maneira, partindo do princípio de que as recentes pesquisas do IBGE dão mostra de que o termo “pardo” está em desuso, devido à preferência dos brasileiros pelo termo “moreno”, o enunciador do editorial sugere a inclusão dessa categoria nas próximas pesquisas, ao lado do termo “pardo”.

Assim, para convencer o leitor (enunciatário) a respeito dessa necessidade, o enunciador usa uma série de estratégias discursivas, que vão desde o uso de marcadores discursivos com fortes cargas argumentativas até as mais ousadas estratégias enunciativas polifônicas, dentre outras.

O objetivo deste trabalho, no entanto, não é passar por todos os percursos teóricos que possam dar conta da infinidade de estratégias discursivas utilizadas no editorial para convencer os seus interlocutores. Pretende-se, apenas, a partir de uma perspectiva interacionista, apontar as estratégias discursivas (e seus efeitos de sentido) que dizem respeito

às vozes que o enunciador traz para dentro do seu discurso, a fim de defender a tese de que é preciso incluir a categoria “moreno” nas pesquisas sobre a definição de raça no Brasil.

Para tal, toma-se por base a perspectiva enunciativa e polifônica do Modelo de Análise Modular do Discurso (MAM), por possibilitar um percurso teórico que dá conta da complexidade discursiva do texto “Brasil Moreno” com suas várias vozes distribuídas em seus níveis de interação.

1 O MAM e a perspectiva enunciativa e polifônica

O modelo de análise modular (MAM) é um instrumental teórico desenvolvido por um grupo de pesquisadores da Universidade de Genebra (ROULET, 1999), (ROULET; FILLIETAZ; GROBET, 2001). O modelo toma como objeto de estudo o discurso situado em suas dimensões linguística, textual e situacional, o que permite que se investiguem todos os aspectos relacionados a uma interação verbal.

Para o modelo, qualquer fenômeno linguístico que se quiser observar deve ser focalizado nessas três dimensões (linguística, textual e situacional) e a combinação das informações que delas se extraem é que permite uma análise global do fenômeno discursivo. Dessa forma, o MAM postula que cada uma dessas três dimensões se constitui de módulos que representam as informações elementares que entram na composição dos discursos. São elas as informações (ou módulos) de ordem lexical, sintática, hierárquica, referencial e interacional. Posteriormente, é possível, ainda, explicar como as informações resultantes desses módulos se combinam na produção e na interpretação do discurso. Assim, quando da produção e interpretação do discurso, essas informações modulares se inter-relacionam, gerando as formas de organização, as quais resultam da combinação ou acoplagem de informações oriundas dos módulos (formas de organização elementares: relacional, informacional, enunciativa, sequencial...), ou resultam da combinação de informações oriundas dos módulos e, também, de outras formas de organização (formas de organização complexas: tópica, polifônica, composicional, estratégica...).

	Módulos <dimensões>	formas de organização	
		<elementares>	<complexas >
LINGÜÍSTICO	<div style="border: 1px solid black; border-radius: 50%; width: 100px; height: 40px; margin: 5px auto; display: flex; align-items: center; justify-content: center;">lexical</div> <div style="border: 1px solid black; border-radius: 50%; width: 100px; height: 40px; margin: 5px auto; display: flex; align-items: center; justify-content: center;">sintática</div>	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-bottom: 5px;">Fono-prosódica ou gráfica</div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-bottom: 5px;">semântica</div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-bottom: 5px;">relacional</div>	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-bottom: 5px;">periódica</div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-bottom: 5px;">tópica</div>
TEXTUAL	<div style="border: 1px solid black; border-radius: 50%; width: 100px; height: 40px; margin: 5px auto; display: flex; align-items: center; justify-content: center;">hierárquica</div>	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-bottom: 5px;">informacional</div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-bottom: 5px;">enunciativa</div>	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-bottom: 5px;">polifônica</div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-bottom: 5px;">composicional</div>
SITUACIONAL	<div style="border: 1px solid black; border-radius: 50%; width: 100px; height: 40px; margin: 5px auto; display: flex; align-items: center; justify-content: center;">referencial</div> <div style="border: 1px solid black; border-radius: 50%; width: 100px; height: 40px; margin: 5px auto; display: flex; align-items: center; justify-content: center;">interaciona</div>	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-bottom: 5px;">sequencial</div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-bottom: 5px;">operacional</div>	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-bottom: 5px;">estratégica</div>

Figura 1 - Representação gráfica do Modelo de Análise Modular

Dessas formas de organização, duas dão conta da análise da enunciação e da polifonia em um discurso. A enunciativa – forma de organização elementar por necessitar de informações de origem modular, e a polifônica – forma complexa, por resultar de informações geradas nos módulos e na forma de organização enunciativa.

Dessa maneira, para dar conta da análise, é preciso partir de informações de ordem linguística, assim como informações oferecidas pelos módulos interacional e referencial, referentes ao texto “Brasil Moreno”, bem como, posteriormente, proceder à acoplagem com informações oriundas das formas de organização enunciativa e polifônica.

O componente enunciativo do Modelo de Análise Modular diz respeito à inscrição do locutor em seu discurso, com suas opiniões e atitudes e seu posicionamento em relação a esse discurso. Diz respeito à subjetividade do locutor. Descrever essa forma de organização implica necessariamente indicar os diferentes segmentos de discursos representados que compõem uma enunciação, ou seja, distinguir o discurso que é produzido (discurso do

locutor/narrador) daqueles que são representados (discurso do outro), no interior de uma intervenção.

No modelo, o discurso Representado corresponde àquilo que Bakhtin chamou de discurso narrado e que a Análise do Discurso (AD) francesa chama de discurso citado ou relatado, ou seja, aquilo que o locutor diz que alguém disse, a voz alheia que o locutor reproduz ou representa em seu discurso e que ocupa o nível mais interno de uma interação, como mostra o quadro interacional (FIG. 1). É ali, nesse nível, que o enunciador do editorial representa a voz dos seus interlocutores, a voz do outro, na tentativa de convencer seus interlocutores da necessidade de se incluir a categoria “moreno” nas pesquisas do IBGE.

Segundo Roulet (2001), a análise da organização enunciativa, que repousa principalmente sobre informações de ordem linguística, interacional, referencial, além de permitir distinguir os discursos produzidos dos representados, define diferentes tipos de discursos representados, autofônicos, diafônicos e polifônicos e diferentes formas de discursos representados: designados, formulados e implícitos (ROULET, 2001).

Já a forma de organização polifônica (forma de organização complexa) necessita de informações oriundas do módulo interacional e da forma de organização enunciativa¹. Nesse sentido, proceder à análise da polifonia, no texto “Brasil Moreno” implica, primeiramente, identificar as instâncias enunciativas cujas vozes são representadas dentro do nível mais interno de interação².

É importante lembrar que é na forma de organização enunciativa que se incluem todas as informações relativas às vozes que o locutor representa em seu discurso. É ela que oferece informações sobre a distinção, num discurso, entre as vozes que são produzidas pelo locutor/narrador das que são produzidas pelos personagens ou atores do discurso representado. Essa forma de organização permite, também, a análise do modo pelo qual as vozes do outro são assimiladas ao discurso que cita; ou seja, como o discurso expresso por uma voz foi escolhido, como foi (re)formulado, como é qualificado, como é integrado ao discurso do locutor, que tipo de constituinte encarrega-se dessa integração, entre outros. Mas é na forma de organização polifônica que está o papel de explicar as funções e os efeitos de sentido dos seguimentos de discursos representados, os quais são apenas identificados na forma de organização enunciativa.

¹ Este é o percurso escolhido para a análise modular do texto “Brasil Moreno”, todavia as análises das formas de organização enunciativa e polifônica podem ser combinadas com informações oriundas de outros módulos, tais como o hierárquico e o referencial.

² Ver enquadres interacionais do QUADRO 1.

Neste artigo, procura-se mostrar como o enunciador do editorial da Folha retoma a voz de outrem, bem como apresenta-se uma análise dos aspectos da organização enunciativa, relacionando as informações que resultam dessas análises aos diferentes planos interacionais identificados no quadro interacional, com o propósito de apresentar uma explicação ou interpretação para as construções polifônicas que se disseminam no texto em análise. Para tal, apresenta-se o texto “Brasil Moreno” segmentado em atos.

2 A dimensão interacional no editorial Brasil moreno

<p>Jornal <Folha Uol></p>	<p>enunciador do do editorial <editorialista></p>	<p>Interlocutores <IBGE> <Entrevistadores> do IBGE> <EE> preconceito></p>	<p>interlocutores <povo brasileiro> <B. entrevistados> <voz popular> <voz do</p>	<p>enunciatários <público leitor da Folha Uol></p>	<p>Internautas <público leitor da Folha Uol></p>
		<p>canal oral/ escrito e visual presença espaço-temporal reciprocidade <ENTREVISTAS></p>			
		<p>canal escrito e visual distância espaço-temporal (não) reciprocidade < EDITORIAL></p>			
		<p>canal escrito e visual distância espaço-temporal (não) reciprocidade INTERNET</p>			

Figura 2 - Enquadres interacionais do editorial “Brasil Moreno”

Ao analisar a FIG. 1, representação dos níveis de interação no editorial “Brasil Moreno”, constatam-se três níveis de interação refletindo as devidas posições dos interactantes. Trata-se de uma figura que representa uma interação complexa. As interações são “complexas” quando comportam pelo menos dois níveis e quatro posições de interação,

cada nível comportando duas posições, e, “simples”, quando apresentam apenas um nível e duas posições de interação.

É importante dizer que nas interações complexas, os níveis mais embutidos (representado na FIG. 1) correspondem a discursos representados³ e o nível mais global, externo, corresponde a discursos produzidos⁴. Essa noção de discurso representado e discurso produzido é de fundamental importância para a compreensão da análise das formas de organização enunciativa e polifônica do texto “Brasil Moreno”.

Essa interação, representada no FIG. 1, apresenta um nível de interação efetiva por engajar interactantes de carne e osso e um nível de interação representada por engajar interactantes que são figuras discursivas, as quais fazem parte das entrevistas realizadas pelo IBGE, sejam eles entrevistados ou entrevistadores, tais como o povo brasileiro e o próprio IBGE, dentre outros.

Vale dizer que a interação efetiva corresponde ao nível mais externo do quadro e a interação representada corresponde aos níveis mais embutidos. O nível mais externo apresenta duas posições de interação. Uma que reflete a identidade do jornal, Folha uol, e outra que reflete a identidade dos internautas, público leitor. Trata-se do nível de interação que ocorre na página da internet. Analisando esse nível, pode-se observar que o canal é escrito e visual, há distância espaço-temporal e “não” reciprocidade.

Há ainda um segundo nível, o que corresponde ao enunciador do editorial, sujeito de discurso que reflete a identidade do editorialista que o escreveu. Nesse caso, não se trata de uma interação efetiva, considerando que esse enunciador não é um sujeito de carne e osso, bem como seus enunciatários, possíveis leitores da Folha. Trata-se, portanto, da interação que ocorre no editorial, cuja materialidade é representada por meio de um canal escrito e visual, distância espaço-temporal e “não” reciprocidade.

Já o nível mais englobado representa a interação entre alguns interlocutores que são trazidos para cena da enunciação pelo enunciador do editorial, tais como o entrevistador do IBGE e seus interlocutores, brasileiros entrevistados do IBGE; o IBGE em interação com o povo brasileiro e o próprio enunciador em interação com uma voz popular alheia. Isso significa que o enunciador traz para o seu discurso o nível de interação em que simula a voz do entrevistador do IBGE, a voz do IBGE, a voz popular brasileira, dentre outras.

³ O discurso de outrem do qual fala Bakhtin. Aquele que corresponde àquilo que o locutor diz que alguém disse. Explicaremos melhor essa questão quando tratarmos da forma de organização enunciativa.

⁴ O discurso que corresponde àquilo que o locutor diz.

Pode-se afirmar que se trata de uma interação representada, já que os interlocutores ocupam o nível mais interno da interação, passando assim a pertencer ao mundo do discurso. Nesse tipo de interação, o canal é oral e também escrito, considerando que as pessoas respondem a questões orais, bem como a questionários escritos apresentados pelos entrevistadores do IBGE. Há copresença espaço-temporal, pois os personagens da enunciação desfrutam o mesmo espaço, e há um vínculo de reciprocidade, considerando que esses interlocutores foram colocados em situação que simula o momento da entrevista face a face.

Há, ainda, outros níveis de interação que podem ser explorados, como é o nível da interação que ocorre entre o enunciador do editorial e a voz alheia que traz a notícia que irá desencadear toda a construção argumentativa do texto. Não encaixado no nível da entrevista, mas como se partilhasse o mesmo nível dela, também encaixado no nível anterior, correspondente ao do enunciador do editorial e seus leitores.

3 As vozes que constroem o “Brasil Moreno”

Para se proceder à descrição e análise enunciativa e polifônica no texto “Brasil Moreno”, convém esclarecer que os discursos representados, na abordagem modular, têm as seguintes formas de representação: discurso representado formulado – marcado por colchetes preenchidos [.....]; discurso representado designado – marcado, depois da expressão que o designa, por colchetes vazios []; discurso representado implícito⁵ – representado por colchetes vazios na frente do conector []

Em nossas análises, foram usadas as seguintes convenções de transcrição: uso de colchetes à direita da ocorrência, sempre precedidos da origem da voz: **I** = IBGE; **PB** = povo brasileiro; **EI** = entrevistadores do IBGE; **BE** = brasileiros entrevistados, **VPA** = voz popular alheia; **VM** = Vocábulo Morena; **VP** = Voz do Preconceito

Em Brasil moreno, temos, em um nível mais externo, como nos mostra o quadro interacional 1, um discurso produzido que pertence ao Jornal – Folha Uol, o qual vai do ato

⁵ A implicação, em geral, é marcada por conectores que têm a função de estabelecer um encadeamento implícito com o discurso de um interlocutor, portanto não ocorre em intervenções monológicas. É própria do diálogo. Introduzida por conectivos interativos tais como “bem”, “mas”, no início de réplica. O texto Brasil moreno, por ser uma intervenção monológica, não apresenta exemplos de discurso representado implícito.

01 ao 30. Trata-se do nível que compreende a voz do Jornal em interação com os internautas, leitores da Folha Uol.

(01) Não é a pior notícia do mundo... (30) Isso permitiria captar o deslocamento benfazejo da autoimagem dos brasileiros no sentido de uma realidade em que a cor da pele não importe a ninguém.

É neste nível que o jornal dá voz ao enunciador do editorial, o que passa a constituir novo nível de interação, agora, entre este enunciador e seus leitores, como bem nos mostra a figura 1. Ou seja, o nível de interação mais externo (Folha e Internautas) torna o editorial um discurso representado e formulado, por ser uma publicação do Jornal Folha Uol.

Temos ainda um terceiro nível de interação, encaixado no discurso do enunciador do editorial. É ali que o enunciador do editorial representa todas as outras vozes pertencentes a outras enunciações já realizadas, com o objetivo de convencer o seu público leitor de que há uma nova categoria de raça que merece ser incluída nas pesquisas do IBGE.

Esse nível mais encaixado é, portanto, um discurso representado que traz para dentro de uma enunciação a voz do outro, ora de forma formulada, ora de forma designada. No caso do texto Brasil moreno, o enunciador traz a voz de vários outros, as quais marcamos a seguir:

(01) Não é a pior *notícia do mundo* **VPA** [] o fato de que o próprio IBGE enfrenta dificuldades (02) quando a questão é a raça de seus entrevistados. (03) **I** [Branco, preto ou pardo?] (04) A classificação tradicional da mais importante instituição demográfica do país está em vigor desde 1872. (05) De lá para cá, (06) alguma coisa mudou, (07) mas as categorias de então (08) ainda dão forma às séries históricas de dados (09) sobre como os brasileiros *definem* **PB** [] a cor de sua pele. (10) Com efeito, em recente *pesquisa* **I** [] do IBGE em seis unidades da Federação (AM, PB, SP, RS, MT e DF), (11) o termo **I** ["*pardo*"] deu mostras de cair em desuso na preferência espontânea, (12) sendo substituído pelo mais simpático **PB** ["*moreno*"]. (13) *Verificou-se* que **I** [] 21,7% dos entrevistados no estudo se **disseram** **BE** ["*morenos*"] ou **BE** ["*morenos-claros*"]. (14) Só 14%, em contraste, **definiram-se** como **BE** ["*pardos*"]. (15) A proporção dos que se consideram **BE** ["*pretos*"] é ainda menor. (16) Já **BE** ["*negros*"] se **dizem** 8% dos entrevistados, (17) quando se oferece tal opção, (18) ao passo que se reconhecem **BE** ["*pretos*"] (19) – por séculos um sinônimo de **VP** ["*escravo*"] – (20) só 1,4% dos consultados no estudo. (21) Nos recenseamentos oficiais, (22) os entrevistadores do IBGE *oferecem* apenas cinco opções: **EI** [] branco, preto, pardo, amarelo e indígena. [...] (23) É bem-vinda, enfim, a *notícia* **VPA** [] de que tantos brasileiros se considerem **PB** ["*morenos*"]. (24) O vocábulo, de fato, carrega-se de uma neutralidade afirmativa. (25) Não desperta uma identificação belicosa (26)e,

ao mesmo tempo, *afirma VM []* uma identidade mista, misturada, brasileira.

(27) **PB** [*Somos todos morenos*]. (28) A categoria, assim como **I** ["negros"], deveria entrar para a classificação oficial do IBGE, ao lado de **I** ["pretos"] e **I** ["pardos"]. (29) Isso permitiria captar o deslocamento benfazejo da autoimagem dos brasileiros no sentido de uma realidade em que a cor da pele não importe a ninguém.

Já no primeiro ato, encontramos uma voz que se apresenta por meio de um discurso representado designado (aquele que não foi explicitado, mas foi designado por um verbo ou por um sintagma nominal). Nesse ato, o editorialista traz para seu discurso, para dar início à defesa do seu ponto de vista, uma voz popular alheia “Não é a pior *notícia do mundo* **VPA** [] o fato de que o próprio IBGE enfrenta dificuldades ...”. O sintagma nominal “*notícia do mundo*” traz a informação de que o IBGE enfrenta dificuldades quanto à questão da raça dos seus entrevistados. E isso vai desencadear todo o processo de argumentação defendido pelo editorialista.

No ato 03, temos um discurso representado e formulado por meio do discurso indireto livre: (03) *Branco, preto ou pardo?*. Aqui a voz do editorialista funde-se com a voz do IBGE, trazendo à tona as classificações existentes nas pesquisas realizadas por este órgão. Essa intervenção é finalizada no ato 09, por meio de um discurso designado, introduzido pelo verbo *definir*, que introduz a voz do povo brasileiro, numa referência à definição histórica de sua pele “*sobre como os brasileiros definem PB [] a cor de sua pele*”.

Do ato 10 ao 12, há a presença de um discurso designado:

(10) *Com efeito, em recente pesquisa I [] do IBGE em seis unidades da Federação (AM, PB, SP, RS, MT e DF)*” e dois discursos representados “*o termo I ["pardo"] deu mostras de cair em desuso na preferência espontânea, (12) sendo substituído pelo mais simpático PB ["moreno"]*”.

O discurso designado expresso pelo substantivo “*pesquisa I [] do IBGE* e o discurso representado e formulado diretamente **I** [*pardo*] fazem referência à voz do IBGE em suas pesquisas. Já o discurso representado e formulado diretamente **PB** [moreno], marcado por aspas, representa a voz do povo brasileiro e sua preferência pela categoria “moreno”.

Do ato 13 ao 14, temos a presença de mais quatro vozes. O editorialista, simulando a enunciação em uma das pesquisas do IBGE, traz novamente para cena da enunciação a voz do órgão e a voz dos brasileiros, porém agora os brasileiros surgem como entrevistados do IBGE: “(13) *Verificou-se que I [] 21,7% dos entrevistados no estudo se disseram BE*

[*"morenos"*] ou **BE** [*"morenos-claros"*]. (14) *Só 14%, em contraste, definiram-se como BE* [*"pardos"*].”

O verbo “verificou-se” traz o discurso designado do IBGE, ou seja, o que a pesquisa verificou. E encaixado no discurso dessa pesquisa⁶, temos a voz dos brasileiros entrevistados **BE** [*morenos*], [*morenos-claros*] e [*pardos*], expressada por meio de um discurso formulado e representado, todas marcadas por aspas. Há ali a representação das respostas dos brasileiros durante as entrevistas das pesquisas.

Os atos 15 a 20 procuram intensificar o resultado das pesquisas, trazendo uma sucessão de vozes:

(15) A proporção dos que se consideram BE ["pretos"] é ainda menor. (16) Já BE ["negros"] se dizem 8% dos entrevistados, (17) quando se oferece tal opção, (18) ao passo que se reconhecem BE ["pretos"] (19) – por séculos um sinônimo de VP ["escravo"] – (20) só 1,4% dos consultados no estudo.”

Trata-se de um bloco de vozes, introduzidas por discursos representados formulados, marcados por aspas, que trazem os percentuais dos brasileiros que se *consideram pretos*, que se *dizem negros* ou se se *reconhecem pretos*. Esse conjunto de vozes, expostas nessa sequência, parece conduzir o interlocutor à certeza de que falta uma categoria nas pesquisas do IBGE. Para reforçar essa conclusão, o ato¹⁹ traz uma voz popular “por séculos um sinônimo de **VP**[escravo]”, por meio de um discurso representado e formulado. Para tal, o editorialista, mais uma vez, usa o discurso direto marcado por aspas. A função dessa voz é de denúncia do preconceito existente por trás da categoria “preto”.

No ato 22, o enunciador do editorial joga novamente com a voz do IBGE. Desta vez, traz para o seu discurso a voz dos entrevistadores do órgão:

(22) os entrevistadores do IBGE oferecem apenas cinco opções: EI [] branco, preto, pardo, amarelo e indígena. [...], numa referência às cinco opções oferecidas pelo IBGE em suas entrevistas/pesquisas. Aqui o editorialista usou o discurso representado e formulado, marcado por dois pontos para mostrar que as opções oferecidas pelo IBGE são insuficientes.

De 23 a 25, o editorialista traz novo bloco polifônico, em sequência. Nova sequência de vozes cujo propósito é garantir a tese inicial de que “moreno” categoria mais popular deve encontrar abrigo na classificação oficial do IBGE:

⁶ Nesse nível, o editorialista parece representar mais de um nível de interação, já que representa as vozes dos brasileiros e do IBGE em mais de uma pesquisa.

(23) *É bem-vinda, enfim, a notícia VPA [] de que tantos brasileiros se considerem PB ["morenos"]*. (24) *O vocábulo, de fato, carrega-se de uma neutralidade afirmativa*. (25) *Não desperta uma identificação belicosa* (26) *e, ao mesmo tempo, afirma VM [] uma identidade mista, misturada, brasileira*.

No ato 23, sutilmente, o enunciador do editorial retoma a voz popular alheia que deu origem a toda a argumentação “*É bem-vinda, enfim, a notícia VPA [] de que tantos brasileiros...*”. Para isso ele se utiliza novamente do discurso designado. Em seguida, ainda no mesmo ato, retoma a categoria “morenos”, mas desta vez não mais é a voz dos brasileiros entrevistados e sim de “tantos brasileiros”. Por meio de um discurso representado e formulado, marcado diretamente pelas aspas, o editorialista traz à cena enunciativa essa voz que representa uma multidão de brasileiros e não somente os entrevistados. No ato 26, para enfatizar ainda mais a necessidade de inclusão da categoria “moreno” nas pesquisas do IBGE, o editorialista, por meio do discurso designado traz a voz do vocábulo “moreno”. É ele, o próprio vocábulo moreno que entra em cena e vem afirmar “*uma identidade mista, misturada, brasileira*”.

Os atos 27 a 29 trazem a conclusão do editorial:

(27) *PB [Somos todos morenos]*. (28) *A categoria, assim como I ["negros"], deveria entrar para a classificação oficial do IBGE, ao lado de I ["pretos"] e I ["pardos"]*. (29) *Isso permitiria captar o deslocamento benfazejo da autoimagem dos brasileiros no sentido de uma realidade em que a cor da pele não importe a ninguém*.

A voz “somos todos morenos”, que abre a intervenção, vem expressa por meio do discurso indireto livre. Novamente a voz do editorialista se funde à voz do povo brasileiro num discurso representado e formulado. A fusão das vozes por meio do discurso indireto livre representa uma estratégia discursiva bastante persuasiva para levar o leitor da Folha UOL à certeza de que a categoria “moreno” deve ser incluída nas pesquisas do IBGE. Essa voz popular, retomada pelo termo “categoria” no ato 28, por meio de um discurso representado e formulado, tem sua reafirmação, ao ser colocada ao lado das vozes do IBGE: “negros”, “pretos” e “pardos”, marcadas por aspas no discurso formulado.

4 Considerações finais

Esse jogo enunciativo e polifônico que perpassa todo o texto é uma estratégia discursiva bastante eficaz para a defesa da tese proposta pelo editorial já na manchete que o

abre. O gênero editorial, por tratar-se de gênero predominantemente argumentativo, precisa lançar mão das mais diversas estratégias de persuasão para levar os seus interlocutores (leitores) a aceitarem a sua tese como verdade.

Ao trazer para o nível interacional mais encaixado essa pluralidade de vozes, sejam elas as do IBGE ou as dos brasileiros – seja como entrevistados ou como entrevistadores – sejam vozes oficiais ou populares, certamente o editorialista não nos deixou chance para defender o contrário do que propunha o editorial. É como se ele nos dissesse que é preciso sim incluir a categoria “moreno” nas pesquisas do IBGE, considerando que as categorias existentes “branco”, “preto” e “pardo” não têm mais a propriedade de representar a identidade nacional. Assim ao leitor, só resta concluir que “além de “pretos” e “pardos”, categoria mais popular entre os brasileiros não brancos deveria encontrar abrigo na classificação oficial do IBGE”: moreno.

Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. A encenação da comunicação no discurso de divulgação científica. In: AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas: As não coincidências do dizer**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998. p. 107-131.

BAKHTIN, Mikhail. **Esthétique et theorie du roman**. Paris: Gallimard, 1987.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10. ed. Trad. de M. Lahud e Y.F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoievski**. 3. ed. Trad. De P. Bezerra. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2002.

CUNHA, Gustavo Ximenes. **Para entender o funcionamento do discurso: uma abordagem modular da complexidade discursiva**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2014.

CUNHA, Gustavo Ximenes. **A construção da narrativa em reportagens**. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013.

FOLHA UOL. **Brasil Moreno**. Editorial. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2907201101.htm>>. Acesso em: 28 ago. 2015.

LANA, Maria dos Anjos Lara. **Ação, experiência e discurso: a gestão da mudança na hipnoterapia.** Tese de Doutorado. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005.

MARINHO, Janice Helena Chaves. **O funcionamento discursivo do item “onde”:** uma abordagem modular. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2002.

MARINHO, Janice Helena Chaves. Uma abordagem modular e interacionista da organização do discurso. **Rev. Anpoll**, São Paulo, n. 16, jan/jun. 2004. p. 1-500.

PIRES, Sueli. **Estratégias discursivas na adolescência.** São Paulo: Arte & Ciência,/UNIP, 1997.

PIRES, Sueli; ROULET, Eddy. Uma visão modular da complexidade discursiva. In: MARI, Hugo *et al.* (Org.). **Análise do discurso: fundamentos e práticas.** Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso – FALE / UFMG, 2001, p. 63-91.

ROULET, Eddy. **La description de l’organisation du discours.** Paris: Didier,1999.

ROULET, Eddy . Um modelo e um instrumento de análise sobre a organização do discurso. In: MARI, Hugo *et al.* (Org.). **Fundamentos e dimensões da análise do discurso.** Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso – FALE/UFMG, 1999.p. 63-91.

ROULET, Eddy; FILLIETAZ, Laurent; GROBET, Anne (avec la collab. de Marcel Burger). **Un modèle et un instrument d’analyse de l’organisation du discours.** Berne: Peter Lang, 2001.

RUFINO, Janaína de A.; Brunetti, Regina C.V. A organização enunciativa/polifônica em Uma história distraída, de Cida Chaves. In: MELLO, R. **Análise do Discurso e Literatura.** 1ª ed. Belo Horizonte, NAD/FALE/UFMG. 2005. p. 309-320.

SOARES, Isabel Cristina Rodrigues. **As narrativas orais populares da Amazônia paraense: vozes múltiplas que contam as histórias do povo.** Tese de Doutorado – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2003.

VAGO, Regina Célia. **As estratégias discursivas do presidente Lula: histórias contadas a caminho da Cova dos Leões.** Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006.

Les voix qui construisent le Brésil moreno

Résumé

Cet article a pour but de présenter une analyse, à partir d'un éditorial, du rôle que les voix des autorités (ou de la Science) exercent sur l'interaction entre l'auteur d'un éditorial et ses possibles lecteurs. Dans cet éditorial, publié dans «Folha UOL» le 29 juillet 2011, dont le titre est «Brasil Moreno», l'énonciateur propose que l'on inclue une nouvelle catégorie dans les recherches menées par IBGE sur la question de race au Brésil. Il se base sur le principe que les dernières recherches de IBGE démontrent que le terme «pardo» tombe en désuétude, cela est dû au fait que les Brésiliens préfèrent le terme «moreno». L'éditorialiste suggère donc l'inclusion de cette catégorie dans les prochaines recherches, à côté du terme «pardo». Pour convaincre le lecteur (énonciataire) pour ce qui est de ce besoin, l'énonciateur utilise une série de stratégies discursives, comme les plus osées stratégies énonciatives polyphoniques. Pour poursuivre cette étude, nous analysons nos données du point de vue de la perspective énonciative et polyphonique du Modèle d'Analyse Modulaire du Discours (MAM), puisqu'il nous offre un parcours théorique qui rend compte de la complexité discursive du texte « Brasil moreno » avec ses nombreuses voix distribuées dans ses complexes niveaux d'interaction.

Mots-clé: stratégies discursives; polyphonie; Modèle d'Analyse Modulaire; éditorial.